

A LITERATURA NO RIO GRANDE DO SUL, DE REGINA ZILBERMAN, E SUA CONCEPÇÃO DE HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA

Louise Farias da Silveira
FURG

A obra *A literatura no Rio Grande do Sul*, de Regina Zilberman, foi publicada pela primeira vez no ano de 1982. Trinta e um anos depois, devido ao seu apurado trabalho de análise crítica, essa se mantém como um dos principais escritos a respeito da literatura sul-rio-grandense. Valendo-se de uma visão não totalizadora, sem objetivar elencar tudo aquilo que pode ser considerado literatura do Rio Grande do Sul, a autora oferece ao leitor um panorama abrangente, apontando os textos mais significativos dentro desse sistema literário.

Entretanto, ainda que Zilberman acredite “não ter realizado história da literatura” (ZILBERMAN, 1992, p. 8), constata-se, na leitura de sua obra, a seleção de textos que, segundo a autora, seriam importantes para a literatura sul-rio-grandense, aspecto esse que aponta para a formação de um cânone. Por tal razão, pretende-se observar a referida obra sob o olhar da Teoria da História da Literatura, buscando-se comprovar como essa está circunscrita neste campo teórico. Como referencial teórico, serão utilizados textos de autores que problematizam a escrita de histórias da literatura, como Barrento (1986), Harris (1998), Lajolo (1994), Schmidt (1996) e outros.

1. Da historiografia literária brasileira à sul-rio-grandense: uma introdução

A tradição historiográfico-literária, assim como a própria escritura da história, tem como objetivo participar da construção de um imaginário, servindo a interesses legitimadores. O teórico alemão Siegfried J. Schmidt corrobora essa ideia ao afirmar que a escrita de histórias literárias “tem sempre servido a interesses políticos, que têm sido normalmente disfarçados com intenções educacionais, culturais ou estéticas, ou mesmo como exigências quase naturais” (SCHMIDT, 1996, p. 110).

No Brasil, a prática de historiar a literatura não fugiu a tal regra, surgindo no momento em que o país, independente de Portugal, precisava firmar-se como nação culturalmente singular, de maneira a desfazer-se da imagem de colônia. Para tanto, foi necessário criar uma tradição literária através da historiografia, com o objetivo de veicular informações que confirmassem a existência de escritores que já carregavam em suas produções literárias marcas de brasilidade mesmo antes da independência.

A pesquisadora Marisa Lajolo partilha dessa percepção, afirmando que “no caso particular da história da literatura brasileira, sem tradição clássica que lhe fizesse sombra, é a própria cultura do colonizador, a tradição literária portuguesa, que inspira, na primeira hora, as necessárias categorias da história da literatura” (LAJOLO, 1994, p. 27). Assim, fica evidente a necessidade do historiador em criar uma origem para a literatura brasileira e, conseqüentemente, para o povo brasileiro.

Entretanto, ainda que os compêndios de história da literatura se proponham, na maioria das vezes, a tratar das produções literárias de um país, despontam, já nas primeiras décadas do século XX no Brasil, incursões historiográficas que se detêm em regiões específicas do território nacional. No Rio Grande do Sul, o primeiro autor a se aventurar por este caminho foi João Pinto da Silva, publicando sua *História Literária do Rio Grande do Sul* em 1924. Anos mais tarde, em 1956, Guilhermino César traz à tona a obra *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, dando continuidade à historização das produções literárias sul-rio-grandenses.

Mais do que diferenciar e separar as obras literárias produzidas no Rio Grande do Sul daquelas que são feitas no resto do país, tais empreitadas historiográficas objetivam documentar e sistematizar a produção sulina. Nesse sentido, cria-se uma tradição historiográfico-literária sul-rio-grandense que permanece viva nos escritos de diversos estudiosos, entre eles a professora Regina Zilberman.

A contribuição de Regina Zilberman para a pesquisa em torno da literatura produzida no Rio Grande do Sul é muito grande, e é por essa razão que no presente escrito objetiva-se analisar a obra *A literatura no Rio Grande do Sul*, publicado por Zilberman em 1982.

2. O fazer historiográfico de Regina Zilberman

O ato de escrever uma história da literatura, assim como qualquer empreitada de cunho historiográfico, implica em definições de conceitos que nortearão o pesquisador. Tais conceitos são muito relevantes, uma vez que implicarão em escritas de histórias diferentes. A respeito dessas escolhas teóricas, Siegfried J. Schmidt aponta que:

Tentativas recentes, na pesquisa historiográfico-literária, mais uma vez evidenciaram que qualquer passo nesta investigação está governado por conceitos dominantes ou cruciais, tais como “literatura”, “história”, “história da literatura”, “estudo” da literatura”, “teoria”, “método”, etc. As intenções, objetivos e legitimações das histórias literárias, a seleção e apresentação dos chamados dados e a escolha de critérios de relevância e objetividade estão diretamente dependentes da implementação ou interpretação desses conceitos básicos. (SCHMIDT, 1996, p. 103)

É na busca por uma definição dos princípios que direcionarão sua escrita que já na introdução de *A literatura no Rio Grande do Sul* Zilberman se posiciona a respeito da própria escrita e das análises de obras por ela empreendidas, esclarecendo a que veio:

Embora as obras sejam examinadas desde a perspectiva de seu encadeamento no tempo e analisadas questões relativas à sucessão dos períodos artísticos no Rio Grande do Sul, não se acredita ter realizado história da literatura, por duas razões: essa deveria abranger o maior número possível de homens de Letras, para configurar o meio intelectual em que ficção e poesia foram produzidas e circularam; e teria sido necessário refletir a partir das relações entre o eixo cronológico dos fatos políticos e sociais e o das obras publicadas, conforme a norma do gênero. (ZILBERMAN, 1992, p. 8)

Todavia Zilberman afirma não estar fazendo história literária, comprova-se a feitura dessa através do modelo de escrita escolhido pela autora, no qual há uma narrativa cronológica e a formação de um cânone da literatura sul-rio-grandense. Além disso, a autora privilegia obras que foram importantes para a série literária no processo de desenvolvimento dessa literatura, seguindo o conceito de função da obra proposto por Tynianov, segundo o qual a função construtiva de um elemento da obra literária como sistema seria “sua possibilidade de entrar em correlação com os outros elementos de um mesmo sistema e conseqüentemente com o sistema inteiro” (TYNIANOV, 1973, p. 108).

Neste sentido, Zilberman não busca oferecer uma visão totalizadora de toda a literatura sul-rio-grandense. Ao contrário, a autora proporciona um recorte dessa produção literária regional, privilegiando obras que foram importantes por proporem uma ruptura da série literária ou por terem repercutido em obras posteriores, servindo de modelo para inspiração ou diferenciação. Assim, Zilberman deixa de lado a busca por um passado objetivo para apresentá-lo sob um ponto de vista particular, no qual o relato da história funciona como construção.

A respeito dessa perspectiva de historiografia como recorte, Barrento afiança que “a organização de qualquer história da literatura terá inevitavelmente de passar por um processo de seleção e valoração, e chegar à definição, sempre controversa, de um cânone” (BARRENTO, 1986, p. 25). Devido a isso, a decisão de Zilberman em não abarcar em seu texto uma totalidade de autores não a faz menos história da literatura, uma vez que mesmo aquelas propostas historiográficas que se propõe a apresentar toda uma literatura falham em fazê-lo.

Ainda sobre a escolha de Zilberman dos autores a serem reunidos como sul-rio-grandenses, esses respondem a dois critérios: terem nascido no Rio Grande do Sul ou o adotado como lar; terem produzido obras cuja expressividade se identifica com a sul-rio-grandense. Um terceiro quesito é levado em conta como eliminatório: autores gaúchos radicados em outras regiões. A pesquisadora afirma que “a literatura gaúcha retira sua especificidade do fato de os autores dirigirem os textos originariamente ao público local, seu sentido provindo do diálogo daí resultante” (ZILBERMAN, 1992, p. 8).

Ao fazer essa ressalva, a autora aponta para uma percepção da literatura sul-rio-grandense como aquela que é produzida e distribuída dentro dos limites sulinos, sendo, ademais, voltada para o leitor desse estado, o que caracteriza um sistema literário autônomo, com produtores literários conscientes de seu papel, um mecanismo transmissor e recepção próprios, conforme proposto por Cândido (1981). Dentre outros motivos, como o difícil acesso dos autores do sul em chegar até o centro do Brasil e publicar em grandes editoras, a proximidade do escritor com seu público parece ser um aspecto relevante na singularização da literatura produzida no estado.

Neste ponto, cabe evidenciar a preocupação da autora com a recepção das obras. Zilberman, ao escolher autores que falem diretamente ao público sul-rio-grandense, oferece um papel de destaque ao receptor, tantas vezes esquecido na tríade que compõe o sistema literário. As ideias da autora se afinam com as do teórico alemão Hans Robert Jauss, um dos expoentes da estética da recepção. Ao comentar a história da literatura em seu texto *A história da literatura como provocação à teoria literária*, Jauss afirma:

A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete. A soma – crescente a perder de vista – de “fatos literários” conforme os registram as histórias da literatura convencionais é um mero resíduo desse processo, nada mais que passado coletado e classificado, por isso mesmo não constituindo história alguma, mas pseudo-história. (JAUSS, 1994, p. 25)

Deste modo, a história da literatura não tem importância alguma se não forem levados em consideração os sujeitos que colaboram para a existência da própria literatura. Os “fatos literários”, sejam eles obras ou movimentos estéticos, não existem por si só, pois eles estão atrelados a indivíduos que desempenham ações diferenciadas no processo de criação, distribuição ou recepção de uma obra. O contato do leitor (receptor) com essa obra é que a mantém viva, passando a existir, através desse, o caráter dialógico proposto por Jauss como pressuposto para a história da literatura.

Passando-se do receptor para o produtor de uma obra, é pertinente afirmar que a seleção dos autores a serem incluídos ou excluídos em uma história da literatura implica, invariavelmente, na formação de um cânone dessa história. Em seu ensaio “La canonicidad”, Wendell Harris busca descobrir o que está em debate quando se trata do cânone. Para o autor, toda a valoração de um texto literário é, de fato, um juízo sobre como o texto em questão satisfaz as necessidades mutantes dos indivíduos e das sociedades. As escolhas de Zilberman baseiam-se nessa noção, como nota-se no seguinte fragmento da introdução de seu livro:

O interesse maior centralizou-se na descrição e interpretação das obras, de maneira que, a um levantamento mais completo, porém provavelmente, indiferente à qualidade dos textos, preferiu-se a análise de alguns, que servem de paradigma para a compreensão daqueles que não receberam atenção mais detalhada. (ZILBERMAN, 1992, p. 8)

A partir do fragmento acima transcrito, é possível notar que ao invés de oferecer uma visão panorâmica da literatura sul-rio-grandense, a autora prefere deter-se em alguns poucos textos que foram de grande relevância em sua consolidação. O critério escolhido pela autora é o estético, porquanto que estas obras de maior valor artístico seriam as mais representativas de um todo, além de serem as mais conhecidas. No entanto, Zilberman transpõe essa regra ao citar autores que foram decisivos nos momentos incipientes dessa literatura, sendo eles mencionados pelo papel desempenhado na fundação da literatura sulina, como é o caso dos escritores pertencentes à Sociedade Partenon Literário.

Harris traz à tona outra face do cânone literário que não a de autoritário: “En lugar de estampar obras con el marchamo de autoridad, los cánones literarios proponen la entrada en el colóquio crítico de una cultura” (HARRIS, 1998). Assim, o cânone não é só uma imposição, como se pode simplificarmente pensar, mas também representativo de todo um percurso cultural da historiografia literária de determinado país ou região.

Mauro Nicola Póvoas, no ensaio “Regina Zilberman e a trajetória da literatura sul-rio-grandense” afirma que “o livro de Zilberman pode ser considerado uma continuação ‘não-declarada’ da história escrita por Guilhermino Cesar” (PÓVOAS, 2011, p. 145). Tal colocação pode explicar o privilégio da inclusão de autores do século XX no cânone de Zilberman, uma vez que a história de César estende-se apenas até início desse século, indicando uma preocupação da autora em percorrer um caminho historiográfico iniciado por autores anteriores, dando continuidade a ele.

Outro aspecto decisivo no recorte canônico de Zilberman diz respeito ao gênero literário das obras elencadas. A respeito dessa opção, a autora comenta: “lida-se aqui exclusivamente com prosa de ficção e poesia. O teatro, a crônica e a literatura infantil, que igualmente mereceriam ser abordados, foram preteridos” (ZILBERMAN, 1992, p. 9). Devido a essa escolha, importantes autores da literatura dramática e infantil, bem como escritores que se dedicaram a ensaios, são deixados de lado em prol de uma análise mais aprofundada da prosa e da poesia sul-rio-grandense.

Ao deixar claras todas as escolhas que interferiram no resultado final de seu texto, Zilberman toma para si a responsabilidade sobre ele, mostrando o quanto seu recorte foi pensado e planejado. Não há, portanto, a apresentação aleatória de autores e obras, uma vez que esses são elencados por atenderem aos critérios pré-estabelecidos, sendo incluídos no cânone pessoal da autora aqueles momentos julgados importantes no percurso da literatura sul-rio-grandense.

Após a “Introdução”, na qual a pesquisadora evidencia os parâmetros sob os quais *A literatura no Rio Grande do Sul* foi concebida, parte-se para nove capítulos do livro nos quais a literatura sul-rio-grandense será esmiuçada.

3. A literatura sul-rio-grandense no recorte de Regina Zilberman

Entre os diferentes problemas que se apresentam ao historiador que se propõe a escrever uma história da literatura, está a periodização que será considerada por ele em sua obra. Organizar e articular as obras e os autores a serem apresentados deve ser uma das principais preocupações do pesquisador, uma vez que as conexões por ele estabelecidas serão responsáveis pela unidade de sua escrita.

Siegfried J. Schmidt declara que “o aspecto mais problemático da escrita de histórias literárias diz respeito à produção de relações, conexões e transições, isto é, à *concatenação dos dados* em unidades coerentes, tais como períodos, épocas, gêneros e assim por diante” (SCHMIDT, 1996, p. 104). Deste modo, os critérios utilizados pelo autor de uma história da literatura estão relacionados diretamente à sua proposta e à maneira como ele enxerga o próprio processo de historização.

Fazendo novamente referência a essa periodização, Schmidt declara:

Como os textos literários (ou eventos literários) podem ser relacionados (encadeados, segmentados, ligados, inter-relacionados, etc.) para a construção de estruturas tais como períodos ou épocas ou assim chamadas totalidades comparáveis? As histórias literárias deverão ser orientadas sobre textos literários ou sobre autores, tópicos, gêneros, aspectos geográficos, conceitos da história das ideias, etc.? (SCHMIDT, 1996, p. 105)

A literatura no Rio Grande do Sul, de Regina Zilberman, é dividida em 10 capítulos. Afora o capítulo introdutório e a conclusão, os demais têm denominações ligadas às escolas literárias tradicionais ou a questões temáticas mais específicas de um autor ou de uma época, sendo eles: “Poesia no Rio Grande do Sul: das origens ao Simbolismo”, “O Regionalismo e Simões Lopes Neto”, “O Modernismo e a poesia de Mario Quintana”, “A permanência da linhagem regionalista”, “A nova ficção urbana”, “História e política”, “Existência urbana e ficção atual” e “A poesia contemporânea”.

As escolhas dos títulos dos capítulos da obra de Zilberman caracterizam uma periodização diferenciada, que foge à simples organização em períodos literários. A autora enfoca os temas comumente tratados na literatura sul-rio-grandense, denunciando que o compartilhamento dos mesmos assuntos se sobressai no conjunto das obras, o que apontaria para mais uma das singularidades que coloca essa literatura à margem da brasileira.

No capítulo posterior à introdução, “Poesia no Rio Grande do Sul: das origens ao Simbolismo”, Zilberman traça um panorama da forma métrica produzida no estado sulino ao longo do século XIX. De fato, as produções desse século estão todas reunidas neste capítulo, no qual a autora dedica-se especialmente à poesia por ter sido esse gênero privilegiado no período devido à facilidade em se publicar nos periódicos (principal suporte da época) textos em verso.

Zilberman aponta, nesta parte da obra, que as primeiras manifestações literárias do Rio Grande do Sul foram registradas à época da Revolução Farroupilha, durante a qual se espalhou pelo estado um espírito regionalista, de exaltação do local. No entanto, a origem da literatura se daria apenas com o surgimento da Sociedade Partenon Literário em 1866. A partir dessa agremiação, criou-se a publicação *Revista Mensal* (1869-1879), a partir da qual os escritores puderam se organizar, formando um sistema literário cujo eixo temático girava em torno de dois assuntos: o intimismo e os motivos regionais.

A respeito da Sociedade Partenon Literário, Zilberman declara:

Extrapolou a pura atividade poética, ao enfatizar a participação social do letrado, contrariando a imagem estereotipada do artista boêmio e irresponsável, consagrada pela mitologia romântica. E manteve viva uma publicação regular por mais de dez anos, permitindo aos membros darem continuidade à sua atuação artística. Facultou, assim, a constituição de um sistema complexo de intercâmbio de ideias e produções literárias, bem como a consolidação de uma cultura com características próprias. (ZILBERMAN, 1992, p. 13)

A Sociedade Partenon Literário foi, então, o órgão catalisador da literatura sul-riograndense. A organização incentivou seus membros a atuarem não apenas como escritores, mas também como sujeitos que tomassem uma posição ativa na melhoria da vida dos indivíduos das classes mais baixas, criando programas de letramento. A Sociedade teve, portanto, importante papel social e cultural na época de sua existência.

Sobre a incorporação da temática local aos versos da época, a autora acrescenta:

Mais importante para o desenvolvimento de nossas Letras, foi o processo de incorporação das sugestões locais. Conforme se mencionou, isto já acontecera quando das primeiras manifestações poéticas, de veiculação oral. O tratamento que os poetas lhes dão guarda, todavia, maiores vínculos com as formas eruditas do Romantismo brasileiro, sob a influência dos ritmos de Gonçalves Dias, que com a fonte popular. Também a circunstância de a época em que esses fatos ocorreram coincidir com a ascensão do Regionalismo condicionou os escritores a se orientarem para o aproveitamento literário do tipo sulino, pois era o modo de eles sugerirem que sua afinação às linhas de força estética vigente. (ZILBERMAN, 1992, p. 15)

Percebe-se, a partir da citação acima, que a poesia de cunho regionalista teve origem dupla: tanto na tradição oral, quanto na romântica. A literatura do Rio Grande do Sul, ainda que singular, dialogava com as tendências predominantes no resto do país, se aproximando das produções de grandes autores, como Gonçalves Dias. Contudo, os escritores sulinos ofereciam uma nova roupagem para as temáticas românticas, como é o caso da mitificação do homem do campo (gaúcho) no lugar do indígena.

Zilberman reconhece ainda serem de grande valor essas primeiras produções literárias que giravam em torno de temáticas regionalistas, pois esse “aproveitamento da matéria local” tornar-se-ia tradição na literatura do Rio Grande do Sul. A supracitada temática estendeu-se, sendo aproveitada no Regionalismo e mesmo anos mais tarde, quando autores como Erico Verissimo e Dyonélio Machado participaram, através de suas obras, de uma dessacralização da imagem do gaúcho e do meio campestre na literatura.

Ainda nesse capítulo, a autora faz referência à vertente parnasiana gaúcha, declarando que a obra de Fontoura de Xavier *Opalas* (1884) foi considerada a “mais expressiva do período” (ZILBERMAN, 1992, p. 18). No que concerne à presença do Simbolismo no estado, Zilberman afiança que a poesia dos simbolistas foi marcada pela ausência de cor local e pela supervalorização do Ego. Autores simbolistas como Marcelo Gama, Alvaro Moreyra, Felipe D’Oliveira, Eduardo Guimaraens e Alceu Wamosy são citados, sendo confirmado “o alto nível de suas obras, reconhecido pela crítica brasileira” (ZILBERMAN, 1992, p. 22).

No capítulo seguinte, “O Regionalismo e Simões Lopes Neto”, Zilberman se dedica às origens da prosa regionalista no Brasil e de como essa se desdobrou no Rio Grande do Sul, desde os cancioneiros da época da Revolução Farroupilha até a obra ficcional de Simões Lopes Neto. A respeito da narrativa regionalista, Zilberman aponta que essa

associa-se aos propósitos e motivações da classe proprietária; por outro lado, o protagonista das histórias, o peão, ocupa posição inferior na escala social. É este o indivíduo que absorve os valores igualitários patrocinado pelos contos e novelas, de modo que se torna o porta-voz dos interesses desses autores. (ZILBERMAN, 1992, p. 51)

A escrita regionalista gaúcha, portanto, cristalizara uma ideia de igualdade entre as diferentes classes. A nostalgia em relação ao passado, por sua vez, é que faz com que esse sofra um processo de mititização. Contemporâneos a Simões Lopes Neto, os escritores Alcides Maya e Amaro Juvenal enxergam que “o presente é o momento de degradação e consolo” (ZILBERMAN, 1996, p. 59).

Todavia, Simões Lopes, com “sua consciência do presente dimensiona sua crítica e faz com que percorra o caminho inverso, dessacralizando o mito instituído e alertando a respeito do tipo de dominação exercida em sua época” (ZILBERMAN, 1992, p. 59), contribuindo para uma reflexão da realidade gaúcha através da produção artística. Ao refletir sobre a decadência do presente, Simões Lopes acaba por jogar nova luz ao passado, revendo valores que eram até então divulgados pela escrita de cunho regional.

No quarto capítulo, “O Modernismo e a poesia de Mário Quintana”, a autora traz à tona os escritores que representaram as ideias modernistas no estado. Mário Quintana aparece como aquele que “leva adiante a experiência modernista” (ZILBERMAN, 1992, p. 69), tendo sua poesia enraizada, contudo, no Simbolismo, desfazendo-se da “cor local” típica do Regionalismo e voltando-se às próprias individualidades e às questões inerentes a si mesmo como sujeito no mundo. Consequentemente, a poesia social fica de fora da obra de Quintana.

No entanto, é concedido aos autores Raul Bopp e Augusto Meyer a alcunha de mentores do Modernismo no Rio Grande do Sul, tendo sido eles responsáveis pela divulgação dos ideários do movimento. O primeiro publicou o poema *Cobra Norato* (1928), escrito de temática amazônica ligado ao movimento antropofágico proposto por Oswald de Andrade. A inclusão de Raul Bopp parece apontar para uma incoerência de Zilberman em relação ao que ela se propunha a apresentar como literatura sul-rio-grandense, uma vez que Bopp não escreve para o público local, alinhando-se, antes, ao Modernismo paulista.

É no capítulo seguinte, “A permanência da linhagem regionalista”, que Zilberman problematiza como o olhar voltado ao regional permaneceu na literatura sul-rio-grandense. Cyro Martins, autor de *No galpão* deu continuidade ao passado literário sulino. Nas palavras da autora “tido como legítimo sucessor de Simões Lopes Neto, trata de conservar seus principais temas, atualizando e rejuvenescendo a linguagem” (ZILBERMAN, 1992, p. 76).

Entretanto, é em autores como Cyro Martins, Aureliano Figueiredo Pinto, Ivan Pedro de Martins, Pedro Wayne, entre outros, que o Regionalismo sul-rio-grandense se redimensiona, havendo um processo de ruptura com os ideais de igualdade entre os homens das diferentes classes e da idealização do tipo gaúcho propagados até então. Sobre essa modificação na escrita de cunho regionalista, Zilberman declara:

Por consequência, a literatura regionalista, ao romper definitivamente com a propensão a encampar uma função ideológica, tematizar a condição colonizada e adotar uma ótica pan-americana, que rejeita as fronteiras nacionais, escolhe um caminho de certa maneira desconhecido e original, no conjunto da literatura brasileira. Para chegar a esse resultado, o Regionalismo abandonou um antigo companheiro de viagem: certo modelo de apresentação do morador da Campanha, isto é, o gaúcho. (ZILBERMAN, 1992, p. 91)

A literatura feita no Rio Grande do Sul permanece, como Zilberman afirma no início de seu livro, voltada ao público local, tratando de temáticas que interessam a ele. As temáticas regionais, por consequência, estão presentes em algumas obras, ainda que essas sejam modificadas. A autora traz à tona esse redimensionamento do Regionalismo para mostrar como ele se mantém, de maneira que sua tese de que os autores se dirigem, primeiramente, ao público local, permanece em pé, sendo característica da literatura sul-rio-grandense.

Ao introduzir o capítulo “A nova ficção urbana”, Zilberman justifica o afinamento dos autores dessa vertente de escrita com as obras que vinham sendo produzidas nos demais estados do país, como se vê em:

O romance urbano que surge acompanha o processo por que passa a narrativa regionalista de seu tempo: focaliza de modo renovador o cenário social não porque introduz Porto Alegre na literatura, mas porque desvela e questiona as contradições existentes. Através dos romances de Erico Verissimo, Dyonélio Machado, De Souza Júnior e Reynaldo Moura, a literatura do Rio Grande do Sul afina-se ao movimento da prosa nacional, acompanhando sua trajetória rumo à investigação do lugar do homem na sociedade e estrutura econômica. (ZILBERMAN, 1992, p. 94)

Na citação acima fica evidente a repercussão da tendência do romance urbano na prosa do Rio Grande do Sul, uma vez que os escritores se apropriam dessa nova forma de escrita colocando a capital do estado, Porto Alegre, como pano de fundo para suas narrativas. Neste ponto, a autora aplica a ótica comparatista que se repete ao longo da obra: literatura sul-rio-grandense em relação à literatura produzida em outras partes do país. Ao aproximar ambas as literaturas, Zilberman reitera seu objetivo de apresentar as peculiaridades das produções sulinas sem retirá-las do contexto maior, de maneira a não esquecer que a sul-rio-grandense faz parte da brasileira.

No capítulo “História e política”, Zilberman versa a respeito de outro veio da literatura sul-rio-grandense, no qual acontecimentos históricos e políticos até então deixados de lado pela ficção são trazidos à tona. Autores como Josué Guimarães, Luiz Antonio de Assis Brasil e Moacyr Scliar são alguns dos responsáveis por esse (re)pensar histórico sob a perspectiva literária, colaborando, conforme afirma Póvoas, “para o abandono definitivo, na produção poética e romanesca, da aura de endeusamento do gaúcho, que resultava numa tentativa, em uma última instância, de autonomia separatista do resto do Brasil” (PÓVOAS, 2011, p. 152).

Para finalizar seu relato do desenvolvimento da literatura sul-rio-grandense, Zilberman divide a contemporaneidade em dois capítulos – “A existência urbana na ficção atual” e “A poesia contemporânea” – separados pelo gênero literário, conforme feito ao longo de sua *A literatura no Rio Grande do Sul*. Nesses, a autora mostra como a literatura sul-rio-grandense se constrói a partir de uma continuidade, durante a qual os autores deixam o Regionalismo de raízes míticas para entregarem-se a uma reflexão crítica da realidade.

Ao longo do texto aqui analisado, o que se percebe é a tentativa da autora em construir uma visão panorâmica da literatura produzida no estado, elencando aquelas obras que seriam as melhores e mais representativas dessa. Além disso, Zilberman busca, através das obras comentadas, mostrar como essa literatura desenvolveu-se a partir das temáticas regionalista e intimista, desde a Sociedade Partenon Literário até as produções do início dos anos 1990, época de publicação do livro. Tal construção do relato literário-histórico revela um processo de continuidade da literatura sul-rio-grandense, fato esse que será comentado no capítulo final deste ensaio.

4. Considerações finais

Em seu ensaio “História da literatura e narração”, David Perkins propõe que a escrita de uma história da literatura se aproxima de uma escrita narrativa, sendo escolhido pelo historiador um herói cujo percurso será contado. Dentre os aspectos elencados por Perkins para justificar tal aproximação, estão as formas de enredo possíveis para esse tipo de escrita. Segundo o autor:

Os possíveis enredos de histórias narrativas da literatura podem ser reduzidos a três: ascensão, declínio e ascensão e declínio. A razão é que o herói de uma história narrativa da literatura é um sujeito lógico – um gênero, um estilo, a reputação de um autor – e os enredos são limitados às ações e transições que possam ser predicadas a esses heróis. (PERKINS, 1999, p. 13)

A partir dessa perspectiva, é possível afirmar-se que o herói sobre o qual Regina Zilberman se dedica é a própria literatura sul-rio-grandense, uma vez que ao longo do texto é o desenvolvimento dessa e os acontecimentos principais ligados a ela que são narrados. Tal escolha de herói justifica-se na medida em que a obra *A literatura no Rio Grande do Sul* corrobora a existência de uma literatura própria do estado sulino, diferenciada por ser dedicada ao público local.

O enredo escolhido por Zilberman para a sua história da literatura também aponta para o caráter legitimador de seu escrito. A autora traz à tona obras e autores que foram responsáveis pela consolidação do sistema literário sul-rio-grandense e por sua constante ascensão, afirmando que as primeiras manifestações literárias são esteticamente inferiores às posteriores. Além disso, a pesquisadora preocupa-se em afiançar constantemente o processo de continuidade dessa literatura, mostrando como as obras se articulam dentro da série literária, sendo exemplo disso a permanência das raízes regionalistas, ainda que sejam essas adaptadas para o olhar mais crítico do escritor contemporâneo.

A história da literatura de Regina Zilberman, portanto, cumpre o papel a que se propõe: apresentar um recorte das produções literárias mais representativas do Rio Grande do Sul. A autora não deixa de exprimir opiniões, avaliando os textos e analisando-os, de maneira a oferecer uma leitura crítica desses. Além disso, Zilberman deixa claro que o que apresenta é um cânone, e não “o cânone”, trazendo para si a responsabilidade perante essas escolhas que são, acima de tudo, pessoais.

Contudo, o maior destaque do fazer historiográfico de Zilberman está em sua periodização, que desafia os modelos tradicionais de organização das histórias da literatura. Ao organizar seu texto em capítulos que ora respondem à escolas literárias, ora dizem respeito à linhagens temáticas, a autora transcende a organização pautada apenas na cronologia, deixando claro o quanto os eixos temáticos são fatores importantes na unificação dessa literatura.

Assim, *A literatura no Rio Grande do Sul*, três décadas após sua primeira edição, ainda se apresenta como uma importante fonte de informações para o pesquisador das produções literárias sulinas. O leitor encontra na obra de Zilberman mais do que um simples elencar de obras, tendo acesso a um cuidadoso retrato crítico da literatura sul-rio-grandense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRENTO, João. O regresso de Clio? Situação e aporias da história literária. In: _____. *História literária: problemas e perspectivas*. Lisboa: Apaginastantas, 1986. p. 9-31.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

- HARRIS, Wendell V. La canonicidad. In: SULLÁ, Enric (Org.). *El canon literario*. Madrid: Arco, 1998. p. 37-60.
- JAUSS, Hans Robert. *A História da literatura como provocação à Teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- LAJOLO, Marisa. Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes. In: MALARD, Letícia et al. *História da literatura: ensaios*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994. p. 19-36.
- PERKINS, David. História da literatura e narração. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, mar. 1999. Série Traduções.
- PÓVOAS, Mauro Nicola. Regina Zilberman e a trajetória da literatura sul-rio-grandense. In: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.). *História da literatura: itinerários e perspectivas*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2011.
- SCHMIDT, Siegfried J. Sobre a escrita de histórias da literatura. In: OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). *Histórias da literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. Pp. 101-132.
- TYNIA NOV, J. Da evolução literária. In: EIKHENBAUM, B. et al. *Teoria da Literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 105-118.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.